

Após nove meses de observação participante, tendo encerrado o trabalho de campo, a caixa com a busca por conexões, sentidos, significados e valores para o grupo estudado pôde ser aberta. Em encontros individuais com a duração de uma hora, em média, pude tirar o laço das perguntas que vinha carregando comigo todo o tempo. Que histórias esses estudantes do Rio de Janeiro teriam a contar? O que os teria motivado a participar do movimento estudantil? Quais fontes de mediação teriam contribuído para a construção de suas maneiras de ver TV, pensar a mídia e a comunicação no mundo?

A partir dos relatos dos 13 estudantes obtidos através de entrevistas semi-estruturadas, busquei narrativas que abrangessem os seguintes aspectos: a influência da família para a maneira de pensar a mídia; o modo e o tempo dedicado para assistir televisão na história de suas vidas; o papel do grêmio estudantil e do centro acadêmico; as possíveis mudanças em suas experiências e maneiras de ver o mundo a partir do envolvimento com a ENECOS. Também abri um espaço para que indicassem a partir de suas próprias impressões quais teriam sido os principais mediadores nesse processo de aproximação tanto do movimento estudantil como da luta pela democratização da comunicação.

Por mais que o foco estivesse nos estudantes cariocas, pois foram esses que acompanhei de perto, não posso esquecer de trazer ao tablado as vozes avulsas conseguidas no COBRECOS. Estar presente no COBRECOS – Congresso Brasileiros de Estudantes de Comunicação Social - durante toda a semana em que foi realizado me deu a oportunidade de não apenas observar, mas de entrevistar universitários de diferentes lugares do Brasil. Conversei com outros 13 estudantes²⁸, entre 18 e 23 anos (apenas um estudante tem 27 anos): 7 moças (Maranhão, São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Pará, Alagoas) e 5 rapazes (São Paulo, Porto Alegre, 2 de Alagoas e Minas Gerais), tentando, assim, ter depoimentos de diferentes regionais da ENECOS. Sei que qualquer tentativa de generalização soa como inadequada e pressupõe falta de rigor científico. Assim sendo, as 13 entrevistas não podem ser representativas do movimento estudantil a nível nacional, mas, nem por isso, deixo de relacionar algumas interpretações sobre as recorrências encontradas nesse grupo com as também percebidas nos estudantes da Regional Rio.

11.1

A família, a TV e o tempo

(...) Desde pequena meus pais falavam que eu não ia 'ficar na frente da TV quanto tempo você quer, tem que saber que a TV não é boa, aliena, ela traz retardo mental'. É engraçado, mas era a linguagem que eles usavam com a gente, eles falavam assim: 'Você quer assistir? O que você vai assistir? Vou assistir com você para ver se vale a pena. Mas é muito mais interessante você pegar essa revista aqui, que eu trouxe de Manaus, e você quando chegar na sua aula no colégio você vai saber falar um pouquinho mais sobre Manaus, vai saber onde é que fica, ou então, do Paraná, ou então de Buenos Aires, dos EUA, da França'. Meus pais sempre puxaram isso em mim. Minha mãe apesar de apesar de não ter feito faculdade tem essa visão e infelizmente 80% da população não tem essa visão.

Cíntia, Pinheiro Guimarães

²⁸ Os estudantes estão identificados nesse texto a partir de números. Universidade, sexo, idade e período na universidade podem ser consultados abaixo:

- (1) UFF, Fem, 1º período, 21 anos
- (2) USP, Mas, 7º período, 21 anos
- (3) UNB, Mas, 14º, 27 anos
- (4) PUC-SP, Mas, 3º período, 19 anos
- (5) PUC-RS, Mas, 5º período, 21
- (6) UFAL, Fem, 1º período, 18 anos
- (7) UNIFOR, Mas, 7º período, 20 anos
- (8) PUC-SP, Fem, 10º período, 22 anos

Quando Martín-Barbero (2003) introduz a cotidianidade familiar para pensar a relação das pessoas com a televisão, está reconhecendo a família como um espaço fundamental de leitura e interpretação do que é veiculado através do écran. A família seria a unidade básica de audiência por representar a situação primordial de reconhecimento, ou seja, de intermediação aos conteúdos e gêneros veiculados. Espaço de conflitos, tensões e exposição de posicionamentos, a cotidianidade familiar propicia a troca e a manifestação das ânsias e frustrações dos membros que a constituem, constituindo-se como celeiro fomentador de interpretações e embate (e/ou afirmação) de idéias.

Tendo a busca da cotidianidade familiar como meta, a primeira parte da entrevista com os estudantes apresentou como intenção deslindar memórias e percepções sobre o espaço da televisão e da mídia na vida de cada um, desde a infância.

O pouco que eu lembro da infância era que eu gostava de brincar de boneca, eu não era ligada a televisão. O canal que eu gostava era da TV Educativa, minha mãe sempre me incentivou muito a assistir esse tipo de canal. Meu pai que viajava muito fazia questão sempre de trazer um livro ou uma revista desses lugares que ele freqüentava. A minha mãe sempre controlou muito essa questão da televisão. A gente ia para a escola, voltava, almoçava assistia TV, mas sempre incentivados a ler ou a brincar, ou aqueles brinquedos mais educativos, de montar, de colar, de boneca, roupinha de boneca. E conversando também, contando histórias. A gente nunca gostava de ficar na frente da TV.

Cíntia, Pinheiro Guimarães

As duas falas da estudante foram umas das que trouxeram o empenho da família para que se pensasse em alternativas à televisão. Uma outra recordação, também de um estudante da Pinheiro Guimarães, sublinha o papel do avô:

Eu lembro bem do meu avô, porque meu avô sempre comentava as notícias. Era tipo um Boris Casói. Ele se amarra em ver Boris Casói, eu não gosto muito. Ele se amarrava em comentar as notícias e quando eu tinha uma opinião muito forte, ela vinha do meu avô.

Em todos os outros casos, os estudantes diziam não se lembrar de nenhuma intervenção específica dos pais sobre o que estava sendo veiculado. Ao contrário, Rafael (UFF) dissera que seus pais não eram muito críticos e que “*tinham a Veja como referencial, Jornal Nacional como o momento que a gente vai saber o que vai acontecer no Brasil*”

Além disso, por mais que os jovens lembrassem que tinham os seus momentos para assistir programas infantis, desenhos animados e filmes, os horários para tal feita não costumavam coincidir com o dos pais em casa. Já o momento da novela noturna e do jornal televisivo, ambos da Rede Globo, recebia um outro contorno, pois costumava contar com todos reunidos frente à televisão. Apenas uma aluna disse que sua mãe, assistente social, sempre incentivava que assistissem *“programas de debates, saindo um pouco de Globo, vendo outras emissoras”*. Um estudante da UFF disse que embora seu pai fosse historiador e tivesse oferecido a ele uma formação mais humanista, os assuntos que tratavam ficavam circunscritos às partidas de futebol e não beiravam discussões sobre o entorno midiático.

Ou seja, a partir da maneira como assistiam televisão em suas casas, não havia indícios de que críticas mais contundentes estivessem sendo expostas pelos pais. Quem assiste televisão assiste em algum lugar, em companhia ou não de alguém, durante um determinado período do dia, sendo mais fiéis a determinados gêneros do que outros (desenhos, novelas, seriados, jornais). Entender como esses espaços, sujeitos e tempos decodificam o que vêem se torna de grande valia, não através de uma abordagem direta, mas pela busca da “estrutura profunda” (Martín-Barbero, 2004, p.113), ou seja, de marcas na leitura inscritas através da experiência dos diferentes grupos e pessoas.

Se na família de Cíntia o discurso sobre a televisão pode ser considerado como "apocalíptico", se transformando num vetor de mediação em sua vida, nos demais casos foram outros espaços de mediação que contribuíram para que houvesse o desenvolvimento de uma postura mais desconfiada sobre o que é veiculado pela grande mídia. A família de Cíntia buscava ir de encontro ao tempo oferecido pela televisão, oferecendo brincadeiras e leituras de livros como atrações substitutivas aos programas infantis.

A intervenção da família para uma visão crítica da mídia foi citada por dois estudantes de outros Estados:

“Meu pai é jornalista também, então... e aí você fica ouvindo coisa em casa, crítica... Começa pelo Jornal Nacional, que é o mais básico. Você vai ouvindo, começa a discutir, irmão mais velho também... Seu irmão faz jornalismo? Não, um faz filosofia, outra Ciências Sociais e outra Radio e TV. Então, a casa pega fogo! Você é criticado o tempo

todo. Se você começa a ver TV muito tempo vem um bombardeio em cima de você (4ⁱ).

*“Meu pai já foi militante do Pcdob na década de 60. (...)Ele sempre me incentivava a ler, sabe? Tenho óculos por causa disso. **Como era esse incentivo?** Meu pai trazia jornal, mais tarde trazia história em quadrinhos, depois trouxe alguns livros, sabe? Li Lamarca, li Olga aos 14 anos e li O Capital aos 14 anos.” (3)*

O primeiro estudante tem um ambiente familiar peculiar para a discussão da democratização da comunicação. Se usarmos o esquema de Martin-Barbero (2003:16) sobre as mediações, poderia ser dito que a competência de recepção desse estudante ficou notadamente marcada pelas esferas de sociabilidade e ritualidade presentes em sua cotidianidade familiar. Se toda vez que liga a tevê num programa considerado de baixa qualidade pela família, ouve críticas: esse é o rito que marca a família com um dos espaços mais importantes para a leitura e codificação da televisão. Ele, hoje em dia, ajuda a compor a nova chapa da PUC-SP, atual gestão do centro acadêmico dessa universidade:

*“A minha mãe está inclusive pesquisando sobre rádios comunitárias, já participei de jornada de Comunicação de Democracia, que era a maioria de periferia que participava de alguma coisa; Instituto Sou da Paz, Telecentros - que são computadores que a prefeitura formou lá nas escolas, então é ... eu fui descobrindo isso e to descobrindo ainda... a própria universidade oferece algumas revistas... - **Quais?** Tem o Jornal Laboratorial do Jornalismo, o Contraponto, é interessante. Tem outra coisa também, meu pai todo dia coloca alguma coisa nova lá na mesa da sala... - **Como o que?** - Caros Amigos, Brasil de Fato, Revista Sem Terra - que ele faz parte, umas coisas assim...”*

Como pode ser visto, a iniciativa do pai em trazer leituras adicionais foi citado em dois depoimentos. O ambiente familiar de Tatiana pode ser considerado de outro espectro:

Lá em casa tinha a hora do Jornal Nacional, tinha a hora da novela e, nas férias, tinha a hora da minha minissérie.

(Tatiana, Unicarioca)

A televisão repete e fragmenta o tempo, instaurando um tempo ritual, uma rotina capaz de organizar a família em torno dos seus intervalos e chamadas, anúncios e inícios. A temporalidade social é por isso descrita por Martín-Barbero (2003) como um dos espaços privilegiado de mediação. A partir da fala da

estudante acima não fica difícil entender porque. Na verdade, tanto a cotidianidade familiar como a temporalidade social se mesclam, pois compõe os pilares espaço-temporais do processo de recepção. Uma outra estudante explicita um pouco mais essa temporalidade, ao dizer que:

Costumo brincar que a minha família é aquela família dos estudos do Muniz Sodré. O lugar de comunhão da família, lugar de conversa da casa, onde fica todo mundo junto é muito mais em torno da televisão do que numa sala de jantar, apesar de nos domingos a família estar sempre reunida. Tem essa coisa de ser o momento que o pai já chegou do trabalho, a mãe já chegou do trabalho, a gente já chegou da universidade e senta para ver novela e Jornal Nacional. A tv maior é a da sala, é a única que tem TV à cabo, mas o que a gente está vendo é a Globo, novela.

(Paula, UERJ)

Especificamente sobre a telenovela, bastante citada pelos estudantes, Martín-Barbero diz que a possibilidade de se transitar sobre os capítulos “sem se perder” vem sendo uma estratégia utilizada desde a inauguração dos folhetins, no século XIX, o que conjuga tanto a “estética da repetição” como o “sentimento de duração”. O autor descreve esse gênero como o neto bastardo da tragédia grega e da pantomina melodramática, pois a telenovela seria a filha bastarda do folhetim franco-inglês e da radionovela cubana, tendo sido recebida com entusiasmo principalmente na América Latina, por encontrar ancoragem na matriz cultural desses povos.

No depoimento de Paula, fica sublinhada a relação entre o tempo oferecido pelos gêneros televisivos e o tempo da família: eles se casam, se complementam.

11.2

Os principais mediadores segundo os estudantes

Perguntei a cada estudante sobre a presença de pessoas que poderiam ter contribuído para que o desejo de participação no movimento estudantil e para que críticas à grande mídia comesçassem a ganhar corpo, tendo em vista que na maior parte dos casos essa visão não era existente desde a infância.

Estudar em escolas ou universidades públicas foi citado como um elemento bastante motivador. Os estudantes que hoje participam da Regional Rio

disseram que ou estudaram em escolas públicas no ensino fundamental e/ou médio, ou cursaram universidades públicas. Ou seja, dos 7 estudantes entrevistados que estavam matriculados em cursos de em instituições privadas, todos tinham tido algum contato dessa natureza. Nos outros casos, a relação não era direta, mas existente. A então coordenadora da ENECOS no Rio de Janeiro disse que:

Você sempre vê o Pedro II, você é chamado a isso. Eu estou aqui nessa escola tradicional, esse prédio antigo, com esse uniforme que eu vi no Anos Rebeldes. A minha militância começou muito disso. (Paula, UERJ)

Embora Paula cite a escola como impulsionadora, aos poucos vai contando que sua mãe vem de uma tradição mais de esquerda e militante em movimentos pela educação e que os avós foram militantes em 64, tendo participado do MR8. O avô chegou a ser preso. Ou seja, mesmo que não se dê conta, o contato com pessoas com um histórico de envolvimento político também deve ter contribuído para o seu interesse, o que endossa o caráter complexo e interligado das fontes de influência. Além disso, as greves pelas quais os colégios públicos levantaram ajudaram a despertar a curiosidade política. Paula diz que “em escola particular é tudo mais fácil, você pagou e tem tudo ali. Agora quando tem um segmento inteiro, os professores param de trabalhar, você tem que saber por que”, ao que Clarissa, Tatiana e Bruno dizem concordar.

Elisa (UERJ) fala de sua família com empolgação, entre risos: “A minha família é sensacional!”. Com pai médico que também dava aulas e mãe professora e militante, Elisa conta que a escola era muito valorizada como espaço estimulante. Diz que:

A gente brinca que um grande parte da militância no movimento estudantil teve vivências com experiências coletivas. Eu vim de uma escola montessoriana. A gente estudava junto com crianças que tinham algum tipo de deficiência. Sempre gostei disso, de estar no coletivo, trabalhos em grupo.

O estímulo deixado por professores também foi mencionado. Dois alunos descreveram de forma apaixonada a diferença que esses exemplos exerceram em suas vidas. Rafael (Estácio) lembra tanto de um professor de Geografia que o apresentou à Revista Caros Amigos – segundo o mesmo, um divisor de águas em termos de publicações interessantes – como um de História, envolvido com causas sociais e que mesmo estando num curso pré-vestibular sempre procurava falar dos movimentos sociais, MST, socialismo.

Breno (UFF) não esquece de dois professores. O primeiro, quando cursava a sexta série da escola, passou 6 livros para que a turma lesse, um por mês. *Os três mosqueteiros, Vinte viagens submarinas, Viagens ao centro da Terra, Aventuras de Tom Sawyer, Chamado Selvagem e Máscara de Ferro*. A partir dali diz ter sentido que passou a fluir na leitura. Também cita o professor no curso de Ciências Sociais que o apresentou à Revista Carta Capital, motivo de agradecimento até hoje. Breno conta ainda que além de ter crescido no campus da UNB, em sua casa “via aquelas estantes gigantes, cheias de livros, meu pai fazendo tese de doutorado no Rio de Janeiro. Tinha o busto do Lênin lá em casa”.

Como tentativa de sistematização, exponho algumas relações possíveis a partir das entrevistas com os alunos. O quadro a seguir tenta demonstrar a força dos mediadores na vida dos estudantes, do contexto em que viveram, estudaram e fomentaram suas idéias.

Estudante	Ensino Médio	Grêmio/Coletividade	Ensino Superior	Centro Acadêmico	Principais Mediadores
Paula	Escola federal	Sim	UERJ	Desativado	Avós e mãe militantes
Elisa	Escola montessoriana	Sim	UERJ	Desativado	Mãe militante
Rafael	Escola particular	Não	UFF	Sim	Movimento estudantil
Gilka	Curso técnico	Não	UFF	Sim	Movimento estudantil
Breno	Escola particular	Não	UERJ/UFF	Sim	Curso de Ciências Sociais/ Pai professor de História /Professor
Marcelo	Escola particular	Não	UFF	Sim	Pais professores /Livros
Clarissa	Escola federal	Sim	PUC-Rio	Não	Grêmio
Isabel	Escola 'meio alternativa'	Sim	PUC-Rio	Não	Passeatas, MST
Vinícius	Escola particular	Não	Pinheiro	Desativado	Irmão em universidade pública
Cíntia	Escola federal	Sim	Pinheiro	Desativado	Grêmio, irmã
Tatiana	Instituto de Educação	Sim	Unicarioca	Desativado	Impeachment do Collor
Bruno	Pedro II	Sim	UFF/Estácio	Inexistente	Centro Acadêmico
Rafael	Escola	Não	UERJ/Estácio	Inexistente	Professor de História

11.3

Lembranças da escola: os grêmios estudantis

Os estudantes disseram terem vivido no período escolar momentos de desmobilização estudantil muito grande. Mesmo em colégios como Pedro II, no qual havia greves, assembléias e passeatas organizadas pelos professores o grêmio em si ou estava fechado ou preocupado apenas “em organizar festas, fazer jornal de recadinhos”. (Clarissa, PUC-Rio)

Isabel conta que embora seu colégio fosse particular – segundo a mesma, “um colégio particular, mas que tinha uma visão bem legal, bem política, era um diferente, tinha uma educação meio alternativa” – havia a preocupação em seguir minimamente as reivindicações públicas. Diz se lembrar de ter participado de uma passeata contra a privatização da Vale do Rio Doce, além de ter entrado em contato com os assentamentos do MST promovido pela coordenação da escola.

Já os estudantes que não estudaram em escolas que tinham grêmios em atividade, entraram em contato com o movimento estudantil na universidade. Embora Rafael (UFF) tenha dito que não tinha a menor idéia do que seria “movimento estudantil” antes de entrar na universidade, contou que no Ensino Médio começou a fazer parte do Grupo Jovem da Igreja Católica, o que sem dúvida deixa pistas sobre o entrelaçamento de mediações para alimentar a latência de um desejo por se envolver em questões coletivas.

O breve contato que Cíntia estabeleceu com a natureza do grêmio, não necessariamente a partir de seu próprio envolvimento, mas pela observação da irmã e de amigas que nutriam uma aproximação mais intensa, foi suficiente para que quando mudasse sua matrícula para o turno noturno, tenha sentido uma grande diferença. Segundo essa estudante do Pinheiro Guimarães, mesmo em colégio público, à noite:

As pessoas não estão preocupadas se o colégio está bom ou se está ruim, se o professor está cobrando ou não, eles querem passar de ano e não querem nada. Eu ia percebendo aquilo e pensava: Por que as pessoas não ligam? Por que elas não lutam pelo mínimo que elas tem direito?

Tatiana, da Unicarioca, sempre estudou à noite e ofereceu sua opinião em relação ao não envolvimento dos alunos com o DCE ou centros acadêmicos,

numa análise que se combina com as questões lançadas por Cíntia. Para Tatiana, isso acontece porque “são alunos que trabalham o dia todo, que vem atrás de mercado mesmo, de ter o diploma e vão fazer a sua faculdade à noite, então não querem se envolver”. As expectativas políticas para estudantes que já trabalham foi confirmada por Gilka, que cursou escola técnica. Ela diz que “se falaram em vestibular uma vez foi muito. Só falavam em mercado de trabalho”.

11.4

Centros acadêmicos, ativar!

Se havia sombras ou indícios de manifestações estudantis em grêmios muitas vezes capengas, nas universidades a situação não parecia estar melhor. A geração de estudantes investigada teve um ponto em comum: o investimento para reativar centros acadêmicos adormecidos. Passada a fase de reabertura, esses estudantes naquele momento compartilhavam preocupações de um mesmo tom, pois percebem não terem conseguido a adesão necessária para que as atividades sejam mantidas, para que tenham continuidade.

Esse quadro é delineado por Paula, Bruno, Rafael (Estácio), Cíntia, Vinícius, Clarissa, Isabel e Tatiana. Essa última diz que depois de 4 anos sem funcionar, foi convencida pela coordenadora a reabrir com sua amiga Fernanda o DCE, aos pouco montando um grupo ativo com 10 pessoas. Depois de 4 meses, apenas as duas continuavam no DCE, o que afirma desanima-la muito. Vinícius e Cíntia, ambos da faculdade Pinheiro Guimarães, abriram o centro acadêmico, promovendo Semana de Comunicação e passando de sala em sala tentando seduzir os estudantes à participação. Não durou muito. Quando perceberam, estavam apenas os dois falando entre si.

A mesma decepção aconteceu com Rafael e Bruno, da Estácio. Os dois chegaram a cursar os primeiros períodos em universidades federais antes de pedirem transferência para a Estácio de Sá. O primeiro cursou Medicina na Uerj e o segundo, Direito na UFF. A movimentação dos estudantes nesses espaços era intensa, a “galera se envolvia, tinha jornal”. Quando os dois chegaram à universidade particular estranharam o silêncio dos corredores e do pátio.

Perceberam que essa inquietação não brotava apenas neles, mas em estudantes que também tinham vindo de faculdades públicas, inclusive de outros estados.

Resolveram fundar o centro acadêmico, organizando o jornal “Seu Benedito”. Conseguiram respostas positivas, como maior movimentação, promoção de debates e palestras. Depois de um ano e meio de tentativas, hoje preferem investir em outras formas de atuação, como o Jornal Fazendo Média e outros movimentos de ação direta, como CMI e Comunicativistas, desanimados com a falta de interesse e envolvimento dos estudantes por um lado e com a partidarização do DCE, por outro.

O quadro pintado em geral foi bastante pessimista, salvo pelos estudantes da UFF que, ao contrário, estavam com uma força crescente e cada vez mais unidos promovendo debates, envolvendo novos alunos. A Semana Acalorada da UFF é lembrada como um momento importante, rico, afetivo e introdutório ao movimento estudantil porque “favorece muito a integração da turma”. Essa integração foi lembrada por Rafael como primordial para que resolvessem se organizar contra a falta de professores.

Na ocasião, o diretório acadêmico estava esvaziado e sem propostas, minguava. A única estudante que se propunha a “fazer tudo” acabou decidindo se dedicar ao D.C.E (Diretório Central dos Estudantes), abrindo uma lacuna que pedia por soluções. Foi quando resolveram reabrir o D.A, organizando uma chapa com projeções “bem internas e umbilicais”, como hoje definem. O que os motivava era resolver a questão da falta de professores, da falta de festas, de atividades, cobrar que os programas fossem seguidos pelos professores e reivindicações desse tipo.

Para Rafael, o horizonte do grupo poderia ter permanecido nesses confins até hoje. A virada em busca de um menu mais politizado foi puxada por Tamara, uma “pessoa mais militante naquela época, muito referência para mim” que se prontificou a contribuir para o diretório acadêmico se reerguer, levando para os espaços de encontro a sua experiência em “movimento estudantil mais geral”, que passava tanto pelo DCE como por aproximações com a estrutura, posicionamentos e ações da ENECOS.

Com o fio inspirador da Tamara, os estudantes começaram a freqüentar os conselhos de Das, DCE, e os encontros da ENECOS. O primeiro contato com a ENECOS trouxe ainda mais gás. O tema do encontro “Construindo C.As e D.As”,

foi considerado muito oportuno, pois estavam vivendo justamente um período de ativação do diretório acadêmico. Rafael conta que:

A gente se sentiu desde esse primeiro encontro como parte da ENECOS. A coisa era tão próxima, os debates e as linguagens eram tão acessíveis que o primeiro GD que a gente participou a gente já saiu falando que a ENECOS era a nossa vida, começando a tomar a responsabilidade da ENECOS para a gente. Dentro dessa lógica de construir a coisa a gente foi se sentido parte da ENECOS e atuando para construir a ENECOS. Como ela podia chegar mais na UFF, em outras faculdades, o que a gente podia fazer para construir um movimento estudantil de comunicação. Como a ENECOS pode estar ajudando a gente na avaliação do nosso curso, na nossa própria formação política. Eu acho que aí a gente começou a pensar politicamente e não ser aquela coisa de um movimento muito espontaneísta. Eu tô aqui não porque quero um curso melhor, uma faculdade melhor, mas a gente quis pensar o nosso papel na sociedade. A partir daí a nossa responsabilidade cresceu muito.

A Semana Acalorada, tão citada por todos os estudantes entrevistados da UUF, foi pensada pelo DACO (Diretório Acadêmico de Comunicação Social) como forma de receber os alunos novos não apenas com festas, mas através de oficinas, debates e exibição de filmes. Foi na oficina de “jornal” que Gilka passou a fazer parte do jornal Fazendo Média, assim como o Breno também, que conta:

Tinha a Acalorada. A minha foi uma das melhores participações que teve nos últimos tempos, teve muita participação da gente, dos 60 que entraram, participaram uns 40 e poucos. Um número bem grande e integração muito forte. Teve essa rodada que deu estímulo, os veteranos deram idéia para a gente se reunir para trocar idéias de projetos que a gente queria desenvolver dentro da universidade, eu citei essa coisa da cobertura da Bienal, de fazer um jornal lá dentro e tal. Surgiu essa oportunidade de entrar para o Fazendo Média, que foi uma aposta acertada, entrei com bastante vontade, acabei me destacando, conheci pessoas maravilhosas lá dentro, pessoal muito disposto a fazer algo diferente.

Embora uma estudante tenha dito que seus pais eram “sem estudo” e que sua escola, que foi técnica, “se falaram em vestibular uma vez foi muito; só falavam em mercado de trabalho”, ela contou que a recepção oferecida pelos veteranos na UFF foi fundamental: se inscreveu na oficina de jornal e até hoje participa do jornal-laboratório da UFF, chamado “Fazendo Média – a mídia que a mídia faz”, reconhecido pelo grupo como um importante instrumento para a Democratização da Comunicação. Após um ano contribuindo para o Fazendo Média, a aluna sublinha a mudança em sua relação com a mídia:

Eu sabia que havia uma manipulação, mas quando você estuda jornalismo, quando você estuda Comunicação Social, você vê que a coisa é muito mais complicada e o Fazendo Média cumpre esse papel de expor, de esclarecimento. - O que mudou? O entender da comunicação. Eu sempre fui muito crítica, com tudo, sabe? Com 16 anos, quando eu estava nesse negócio de trabalhar e ganhar dinheiro eu não ia ver o Jornal Nacional de forma tão crítica como eu vejo hoje, é complicado. Eu não tinha um olhar tão crítico como eu tenho agora. (1)

Então, eu era (antes de entrar na universidade) completamente submisso à realidade que era passada pela televisão no interior. (5)

Suponha: você lê uma Veja. Hoje, me dói e aí você vê meu pai, por exemplo, que tem muitas opiniões políticas formadas através de uma Veja, cê fala “ai meu Deus”! Então acontece. Você passa a perceber até no plano técnico como a coisa se constrói (...) porque o jornalista usou uma fonte tal – fonte no sentido de quem dá a informação, (...), aqui tem um salto falacioso, aqui tem o uso da ironia de te forçar a compreensão do ponto de vista dele, isso é importante. Então o que ajudou o jornalismo em si foi perceber como o jornalismo atua para a construção de consensos. (2)

Em todas as entrevistas, ficou claro um aspecto: o distintivo que a apresentação dos centros acadêmicos na semana de recepção aos novos alunos engendra. Oficina de *fanzine*, visita a rádios comunitárias, festa à fantasia e Semana Calórica foram citadas como inclinações oferecidas pelas universidades públicas. Essas recepções não teriam o intuito de apenas realizar “chopadas” e festas, mas de convidar os novos alunos para que conheçam e participem dos centros acadêmicos.

Do outro lado da ponte Rio-Niterói, mesmo com um centro acadêmico considerado letárgico, Isabel e Clarissa não desanimaram. Fizeram elas mesmas uma proposta para mobilizar os estudantes da PUC-Rio de alguma maneira. Isabel se inspirou na experiência proporcionada por sua escola no ensino fundamental – visitar assentamentos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) – propondo o mesmo nas aulas inaugurais da universidade.

A idéia seria promover aos novos alunos visitas aos assentamentos, como forma de se “poder fazer contato uma realidade que não se conhece, não para fazer turismo”. A idéia recebeu apoio da Vice-Reitoria Comunitária, que cedeu ônibus para a viagem, sendo motivo de festa. Os ônibus seguiam lotados com estudantes que seguiam “com pezinho meio atrás e na volta era tão diferente! Acabava o ônibus inteiro discutindo e na volta as pessoas estavam apaixonadas”.

Para Isabel e Clarissa, esse contato tem uma importância considerável, pois ser capaz de transformar a visão dos estudantes da PUC que “vão trabalhar no Jornal Nacional e que muitas vezes têm uma noção deturpada do que venha a ser o movimento”.

11.5 A ENECOS como importante mediadora

Se num primeiro momento os estudantes falaram sobre as contribuições do ambiente familiar, escolar e acadêmico aos modos como foram construindo seus posicionamentos e ações, num segundo momento quis entender melhor o papel da ENECOS nesse processo. Quais contribuições o contato com a entidade teria propiciado? O que teria mudado desde então? As falas são extremamente positivas, principalmente no que tange a formação sobre a democratização da comunicação:

Costumo dizer que a ENECOS é uma outra faculdade. Discussão sobre democratização da comunicação eu tenho plena certeza que um aluno que tenha como a única forma de informação o curso de Comunicação Social da UERJ e de grande parte das faculdades ele não vai saber discutir democratização da comunicação, Dificilmente ele vai pensar que o modelo de comunicação brasileiro tem alguma coisa de errado.

Paula, UERJ

Quem conhece a democratização da comunicação? Antes de ser estudante de Comunicação e antes de conhecer a ENECOS, isso não foi me colocado por nenhum professor.

Tatiana, Unicarioca

Quando eu entrei em contato com a ENECOS que eu comecei a pensar nesses temas como a Democratização da Comunicação. Descobri um mundo que estava além da faculdade, que não existia nas conversas da faculdade e eu pensava: o mais importante não estava na faculdade! (...) A democratização da comunicação, por exemplo. Poderiam ter vários temas que girassem em torno disso no currículo do curso de Comunicação, como a digitalização dos meios, até porque a gente está vivendo esse processo agora, a digitalização do rádio e da tevê e os profissionais estão sendo formados para isso, mas o assunto nem passa nas conversas, nas salas de aula, as pessoas não sabem do que se trata.

Bruno, Estácio

As tensões sobre a democratização da comunicação perpassaram os diferentes discursos e relatos dos estudantes de diferentes partes do país. Por mais que esses jovens queiram mudar o atual quadro da mídia brasileira, estão se formando jornalistas e por isso se sentem reféns do sistema para atuarem no mercado de trabalho. O monopólio que grandes empresários exercem na indústria midiática é bastante criticado:

“ (...) a comunicação é a extensão de um poder. Por exemplo, lá no Ceará, tem um grupo - eles tem uma indústria de água, purificador, de gás de cozinha, de castanha do caju, tem a universidade que eu estudo, aí tem ainda refrigerantes, banda de forró, duas rádios, duas televisões um jornal, que é o de maior circulação do Ceará. Aí o que acontece? (...) O que está ali colocado não é a comunicação no sentido de informação, no sentido de informar... A comunicação nesse caso acaba atrelada ao mercado. Eu defendo que isso é a extensão do poder e acaba perdendo todo o sentido do que é mesmo a comunicação, do que é mesmo o jornalismo. E aí quando eu falo que tem que colocar essa questão do monopólio, era para as pessoas terem consciência que elas estão lendo um jornal, mas que por trás daquele jornal tem vários outros interesses. Por que saiu uma foto daquele jeito, por que saiu uma manchete daquele jeito... Enfim... E também a gente ter consciência que as televisões são concessões públicas e que eles não são donos da tv teoricamente. A democratização é de esclarecimento (...) Se a pessoa sabe o que esta acontecendo, mesmo que ela tenha uma opinião diferente da minha, aí sim a gente vai ter democratização. Assim como a gente se indigna, várias pessoas poderiam se indignar também. (...) Eu penso muito na mobilização popular, dos grupos poderem ter a mídia deles.”(7)

Tem que ter uma preocupação maior com o que vai passar na televisão, com as informações serem passadas corretamente, com os dois lados, ou os vários lados de uma notícia sendo mostrados, do povo ter seu espaço para falar e não ser explorado como é em programas como do Ratinho: exploram a vida social para fazer show. (6)

Na Semana pela Democratização da Comunicação ano passado, em São Paulo, teve uma atividade proposta pelo CMI²⁹, que também foi de retomada do espaço público, que eles chamaram de “re-batismo popular da avenida Roberto marinho”, que é uma avenida que tem em São Paulo próxima a rua das organizações Globo, que se chamava Águas Espraiadas e a prefeitura soltou uma liminar para mudar o nome para jornalista Roberto marinho. Então dentro dessa perspectiva de que Roberto Marinho não era um jornalista, mas sim um empresário que concentrava grande parte dos meios de comunicação dentro da sua empresa e que não trabalhava com comunicação popular mas sim com mercadoria, e dentro da perspectiva que estava chegando o aniversário de morte de 29 anos do Herzog, que foi brutalmente assassinado durante a ditadura

²⁹ CMI – Centro de Mídia Independente (<http://www.midiaindependente.org>)

militar, que trabalhava com a TV Cultura, na época que ainda tinha uma proposta bacana – ainda tem, mas nem tanto – o CMI propôs que a gente fizesse uma passeata e em cima da placa Jornalista Roberto Marinho a gente colocasse Jornalista Vladimir Herzog. Um manifestante foi preso.(8)

Quando perguntados sobre com o que estavam planejando atuar depois de formados, as tensões ficaram explícitas:

“Eu fico meio pensativa, pensando “o que eu vou fazer?” Eu sou uma pessoa que não consigo me envolver em alguma coisa em que eu não concorde” (1);

“Em relação ao emprego, o que menos me violentaria é a questão acadêmica” (2);

“Boa pergunta. Eu ainda não consegui uma resposta acertada em relação a isso. Pretendo fazer mestrado na área de Comunicação popular, seguir a vida acadêmica, talvez montar outras ‘Rala-Cocos’³⁰ por aí”(3).

“Não sei, acho que depois vai ter essa fase de transição que eu vou ser vítima do mercado, desse grande mercado que todo mundo conhece, essa parte vai ser meio decepcionante, assim, em estágio, essas coisas, mas um dia eu espero poder trabalhar numa mídia que eu goste, que eu realmente acredite e que vá trazer alguma transformação social: formular uma revista, rádio comunitária, essas coisas”(4).

A ENECOS passa a representar uma instância enriquecedora, um espaço de encontro entre pessoas “que querem fazer alguma coisa” e de reflexões profícuas sobre questões consideradas muito importantes e válidas sobre as quais os estudantes percebem não terem parado para atinar sobre as mesmas antes. Alarmados com a possibilidade de existirem outras pessoas nessa mesma situação, pretendem levar sementes para o maior número possível de estudantes.

Acho que o que me leva a fazer movimento estudantil é não me achar muito diferente dos outros, porque uma coisa que eu tenho muita clareza é que se eu tivesse entrado numa universidade que não tivesse nada de movimento estudantil, se eu nunca tivesse ouvido falar na ENECOS, se eu não tivesse Acalorada, Conselho de Das e DCE, muito provavelmente eu não estaria fazendo nada. Eu vivi meu segundo grau inteiro sem saber e sem sentir falta disso, essa é uma grande questão. Talvez seja isso que me motive tanto a estar enchendo o saco das pessoas, entrando em sala, aquelas pessoas que sempre dizem que vão e não vem, ou as que de cara viram o rosto e estar insistindo com elas porque partindo da idéia de que ninguém está perdido, para que elas entendam que sozinhas não vão conseguir transformar nada. E que a gente estando unido tem muito mais força para transformar a realidade.

Rafael, UFF

³⁰ Rala-Coco: Rádio-Laboratório de Comunicação Comunitária da UNB (Universidade de Brasília)

“Direito de todos”, é como se posiciona Martin-Barbero (2004:214) em relação à comunicação e essa parece ser a bandeira desses futuros jornalistas. Os estudantes citam tanto o movimento estudantil nas universidades como o conhecimento prático/ideológico de como são escritas as matérias jornalísticas e produzidos os programas de tevê como modificadores de suas concepções sobre a mídia. Acreditam que se a estrutura do “fazer mídia” for desmistificada e apresentada à população, os riscos de pessoas terem a realidade social construída a partir da maneira como a mídia pauta os assuntos será menor. Como seria possível para a população rebater as mensagens veiculadas se essas são transmitidas geralmente favorecendo sempre apenas um dos lados – se perguntam? Este aprendizado na universidade estaria agindo como “fontes de mediação” para a concepção de mídia desses jovens.

Os estudantes de diferentes lugares do país se sentem privilegiados pela oportunidade de entenderem a mídia por trás dos bastidores e se sentem impelidos a convidar à população nesse caminho. As Semanas pela Democratização da Comunicação que são organizadas pela ENECOS em todo o país têm esse fim. Para eles, sem a democratização da comunicação (Thomaz Jr:2002) – quebra do monopólio, formação sobre a linha estrutural e ideológica por trás da produção, o incentivo do fazer mídia por todos e comunicação comunitária – há menos possibilidade de se pensar criticamente sobre as mensagens e estereótipos veiculados, além de uma crescente desmobilização popular para questões políticas, que estariam sendo substituídas pelo consumo.

A universidade estaria cumprindo o papel de mediadora sociocultural, por introduzir novos usos sociais dos meios. O contato com os estudantes de diferentes lugares do país, me ofereceu, assim, certa maneira, indícios básicos sobre as principais fontes de mediação: os pais, professores de História ou Geografia ou o próprio movimento estudantil existente nas “escolas”, principalmente nas universidades públicas, eram tidos como os responsáveis pelas “viradas” em suas vidas. A ENECOS, entretanto, aparece como principal articuladora para o envolvimento dos estudantes pela democratização da comunicação.
